

PEDAGOGIA INDÍGENA EM JOGOS E BRINCADEIRAS NABUSCA DE UM ENSINO DIFERENCIADO NAS ESCOLAS INDÍGENAS

INDIGENOUS PEDAGOGY IN GAMES AND PLAY IN THE SEARCH FOR DIFFERENTIATED TEACHING IN INDIGENOUS SCHOOLS

Maria de Fatima da Silva Angelo

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/IFRR
<https://orcid.org/0009-0008-9744-8907>

Maristela Bortolon de Matos

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/IFRR
<https://orcid.org/0000-0002-1947-0681>

Aldinesio Sarmiento Silveira

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/IFRR
<https://orcid.org/0009-0006-5765-5587>

Leila Maria Camargo

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima/IFRR
<https://orcid.org/0000-0003-3920-4943>

Resumo: O artigo tem como objetivo apresentar o processo da pedagogia Indígena em jogos e brincadeira para um ensino diferenciada nas escolas indígenas. Nele foram identificados os elementos que constituem uma pedagogia indígena e compreender e as possibilidades de utilização de jogos e brincadeiras como parte do ensino diferenciado em escolas indígenas. Vale ressaltar que a pedagogia indígena é de suma importância para os povos originários, porque traz uma realidade vivida por eles. Uma manifestação de convivência na qual levava aos conhecimentos para os alunos para que conheçam os fatos passados, presente e as possibilidades futuras. E para isso acontecer precisamos conhecer real situação dos povos originários. No entanto é possível afirmar que motivação das crianças indígenas tem uma alternativa através de jogos e brincadeira indígenas e também não indígenas, onde é possivelmente chamar atenção das crianças no procedimento de ensino através das brincadeiras. E para isso acontecer faz-se necessário que o professor indígena passe por uma formação, para lecionar de acordo com as necessidades do corpo discente.

Palavras chave: jogos, brincadeiras, pedagogia indígena, ensino diferenciada

Abstract: The article aims to present the process of Indigenous pedagogy in games and play for differentiated teaching in indigenous schools. It identified the elements that constitute an indigenous pedagogy and understood the possibilities of using games and games as part of differentiated teaching in indigenous schools. It is worth highlighting that indigenous pedagogy is of utmost importance for original peoples, because it brings a reality lived by them. A manifestation of coexistence in which students will learn about the past, present and future possibilities. And for this to happen we need to know the real situation of the original peoples. However, it is possible to affirm that indigenous children's motivation has an alternative through indigenous and non-indigenous games and games, which is possibly to

attract children's attention in the teaching process through games. And for this to happen, it is necessary for the indigenous teacher to undergo training, to teach according to the needs of the student body.

Keywords: games, games, indigenous pedagogy, differentiated teaching.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho trata sobre a Pedagogia Indígena em Jogos e Brincadeiras na busca de um ensino diferenciado nas Escolas indígenas. Ele traz um conjunto de conhecimentos no intuito de valorizar o ensino e a aprendizagem das línguas indígenas. O artigo construído por muitas mãos, é resultado das pesquisas de mestrado (Angelo, 2023; Silveira, 2023). Além das línguas indígenas, o objetivo é fortalecer também as culturas, costumes e tradições. Todo esse processo deve ser parte de um acompanhamento pedagógico atento e ativo.

Em se tratando de desvalorização da cultura, ela ocorre desde alguns séculos, com a chegada dos portugueses aqui no Brasil, visto que conseguiram introduzir sua cultura e a língua oficial portuguesa no decorrer da invasão após o ano de 1500. Desde então, desestruturou a convivência tradicional dos povos indígenas. Isso porque, houve uma grande imposição da língua portuguesa e também a introdução da cultura dos não indígenas e a desvalorização das culturas indígenas e organizações sociais.

Desde os anos de 1970 do século XX, os povos indígenas assumiram um protagonismo buscando resistir a essa colonização cultural, econômica e educacional e vem buscando reconstruir suas culturas e pertencimentos (RCNEI). A conquista do direito a uma educação específica, diferenciada, multilíngua, bilíngua, intercultural e comunitária é fruto desta luta e está que está na garantida na Constituição de 1988, na Lei de Diretrizes de Bases (LDB 9394/96) e também no Plano Nacional de Educação (PNE).

Desta forma, temos por objetivos neste artigo discutir o processo de construção da pedagogia indígena por meio dos jogos e brincadeiras, para um ensino diferenciado nas escolas indígenas. Para tanto, serão identificados os elementos que constituem uma pedagogia indígena. A pedagogia indígena se refere aos processos próprios que os povos indígenas têm de educar seus filhos (Maher, 2006). Para tanto, usaremos as brincadeiras indígenas como parte desse processo e buscaremos demonstrar as possibilidades da utilização de jogos e brincadeiras como parte do ensino diferenciado em escolas indígenas.

Com a proposta de um ensino diferenciado, estamos buscando alternativas para melhor atender aos estudantes indígenas, por meio de jogos e de brincadeiras, como instrumentos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem. Para tanto, podemos dizer que, assim, almejamos alcançar e efetivar os objetivos da educação escolar indígena específica e diferenciada. Diante disso os conhecimentos construídos nas comunidades escolar indígena deverão ser socializados com as instituições governamentais, de forma que seja possível ampliar os conhecimentos dos professores indígenas e não indígenas. Para tanto, a divisão de educação escolar indígena (DIEEI), passando também pelo Departamento de Educação Indígena (DEI), como partes integrantes da SEED, que pode contar com apoio do Centro Estadual de Formação dos Profissionais em Educação de Roraima (CEFERR) para que isso ocorra.

O trabalho está assim organizado; além da introdução, considerações finais e referências, discutimos inicialmente alguns elementos para pensar a Pedagogia Indígena e em seguida apresentamos a utilização de jogos e brincadeiras no ensino diferenciado em escolas indígenas.

1. ELEMENTOS QUE CONSTITUEM UMA PEDAGOGIA INDÍGENA

As características que devem reger a Educação Escolar Indígena, conforme os Referenciais Curriculares para as Escolas Indígenas- RCNEI (1998), são: a Educação intercultural, comunitária, específica e diferenciada, bilíngue, multilíngue, considerando que nas sociedades indígenas a vida é em comunidade. A cooperação, as formas de aprender e ensinar ainda se dão no coletivo, a isso chamamos de Pedagogia Indígena. Maher (2006, p. 16-17), ao tratar da Educação Indígena, assim a define:

Quando fazemos menção à “Educação Indígena”, estamos nos referindo aos processos educativos tradicionais de cada povo indígena. Aos processos nativos de socialização de suas crianças. Quando observamos mesmo as atividades mais corriqueiras realizadas no interior de uma aldeia Yanomami, por exemplo, podemos perceber que aí ocorre um intenso e complexo processo de ensino/aprendizagem, no qual crianças e jovens são preparados para exercerem sua “florestania”, para se tornarem sujeitos plenos e produtivos de seu grupo étnico. Esse empreendimento, é preciso entender, não implica, não “passa” por conhecimento escolar algum. Antigamente, essa era a única forma de educação existente entre os povos indígenas: o conhecimento assim transmitido era mais do que suficiente para dar conta das demandas do mundo do qual faziam parte.

Quando falamos de processos educativo tradicional dos povos indígenas, estamos referindo aos conhecimentos que são transmitidos pela sua própria cultura, com base no contexto local, de acordo com

realidade de suas próprias comunidades. Nesse caso, há o uso de métodos de observação e experimentação. Como pertencentes aos povos originários, desde que nascemos passamos por um processo de socialização, como por exemplo em casa, no convívio com a família, na escola, nas brincadeiras com os colegas e em várias outras atividades coletivas ou não. Dessa forma, a criança é a base para a construção de um repertório social, ela passa por todo esse processo de ensino e aprendizagem, primeiramente na sua comunidade, seguindo os mesmos costumes, cabendo a todos desenvolver na criança o senso de responsabilidade e o respeito às regras sociais do local que vivem.

Os processos de aprendizado dos padrões culturais se dão nestes espaços coletivos, sem tempos e horários pré-determinados. A socialização, ou seja, o aprender a ser um sujeito do povo indígena é assim descrito pela pesquisadora:

Uma característica que chama a atenção na Educação Indígena tradicional é o fato de, nesse tipo de educação, o ensino e a aprendizagem ocorrerem de forma continuada, sem que haja cortes abruptos nas atividades do cotidiano. Entre nós, o ensino e a aprendizagem se dão em momentos e contextos muito específicos: “Está na hora de levar meu filho para a escola para que ele possa ser alfabetizado”; “Minha filha está fazendo um curso, em uma escola de informática, das 4:00 às 5:30 da tarde”. Nas sociedades indígenas, o ensinar e o aprender são ações mescladas, incorporadas à rotina do dia a dia, ao trabalho e ao lazer e não estão restritas a nenhum espaço específico. A escola é todo o espaço físico da comunidade. Ensina-se a pescar no rio, evidentemente. Ensina-se a plantar no roçado. Para aprender, para ensinar, qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora. (Maher, 2005, p.17).

Um dos fatores do ensino e aprendizagem ocorrerem de forma continuada na educação tradicional é que as crianças indígenas, por exemplo, aprendem muita coisa com seus pais e parentes mais próximos, como os irmãos e os avós. Tais conhecimentos podem ser transmitidos durante as atividades do dia a dia ou em momentos especiais, durante os rituais e as festas, nesse sentido cada atividade que a criança vai desenvolvendo ela vai dando a continuidade de levar os mesmos aprendizados para outras que virão, até mesmo para seus familiares futuramente, se reconhecido como uma forma de continuar o que aprendeu com os mais velhos.

Para o povo indígena o ensinar e o aprender são ações mescladas, porque elas acontecem em qualquer lugar, não há um local específico, pois, a partir do convívio de cada um, o seu conhecimento vai sendo construído e reconstruído, em um processo contínuo e diário, como aponta acima Maher, qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora. Como reforço a tal posicionamento Nascimento *et al* (2010), indica que

a criança, na socialização não tem problemas de identificação, pois ela se identifica com o que é vivido na família e no grupo social.

Por seu turno, quando falamos da educação indígena e da educação escolar indígena, devemos pensá-los como termos diferentes, mas que muitas vezes são utilizados no mesmo sentido. No entanto, a educação indígena está relacionada ao educar no dia a dia, da convivência familiar, independentemente de quaisquer povos, comunidades, que são os costumes, as tradições que são repassados para seus filhos, como por exemplo, os saberes tradicionais, da roça, do pescar, caçar, da comida, bebida, esses conhecimentos que foram e são transmitidos pela oralidade e que ainda são praticados. Como se refere Mandulão:

Quando a criança nasce, é uma extensão da mãe que a amamenta e protege. A criança é socializada pela família e nas relações cotidianas da aldeia. Ela aprende fazendo, experimentado, imitando os adultos. As crianças acompanham os pais e os seus brinquedos são miniaturas dos instrumentos que posteriormente irão utilizar em sua vida de adulto. Neste sentido, podemos inferir que a forma de ensinar nas comunidades indígenas tem como princípios inseparáveis a construção do ser, pela observação, pelo fazer, testado dentro de um contexto real. (2006, p. 218).

Todos esses conhecimentos são adquiridos pelos pais, avós ou responsável da educação da criança, porque a criança é sempre conduzida por um adulto, ela não consegue fazer as coisas sem ter nenhum acompanhamento, por isso que o adulto é indispensável na formação de uma criança. A partir do momento em que a criança começa a se socializar no cotidiano, ela começa adquirir esses conhecimentos, através da experimentação, do fazer, do praticar com as pessoas com quem elas convivem na sua comunidade.

Na comunidade indígena os princípios do ser, pela observação, ela começa muito cedo desde quando a criança começa a entender o seu espaço, o seu momento de agir nessa construção do saber pela observação.

[...] a aprendizagem numa comunidade indígena acontece em todos os lugares, a pedagogia é regida pelo princípio de que todos educam todos. O processo educativo acontece comunitariamente nas atividades que são realizadas na aldeia. É de responsabilidade da comunidade a transmissão dos saberes tradicionais do povo para as futuras gerações. Nesse processo, entende-se que a escola não é o único espaço de transmissão dos conhecimentos, de aprendizagem. A comunidade possui uma sabedoria, a qual precisa ser socializada com as crianças e os adultos são responsáveis pela formação da identidade coletiva. (Zóia; Peripolli, 2010, p. 14).

Esses conhecimentos e saberes, em geral, sempre vêm das pessoas mais velhas. Assim, a educação indígena ou pedagogia indígena, se refere aos processos de transmissão e produção dos seus próprios

conhecimentos dos valores culturais, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não indígenas e indígenas por meio da escola.

E para Educação Escolar Indígena diz-se da educação formal e sistêmica, constituída do processo específico, diferenciado, intercultural, bilíngue e/ou multilíngue e comunitária, voltada para os povos indígenas, respeitando e preservando suas especificidades culturais e tradicionais. E está assegurado pela Constituição Federal - CF de 1988 aos povos indígenas do Brasil, cujo caput do artigo 210 estabelece que essa educação é garantida com base no princípio de que as minorias étnicas do país devem ser contempladas por uma política pública apropriada.

Mandulão afirma que:

A educação escolar para povos indígenas tem sido uma temática bastante explorada em nível nacional, dada a sua diversidade pedagógica e cultural, embora tenhamos nossa própria educação, deixando assim, somente nos últimos anos, de ser imposição de escolas em terras indígenas. Faz-se necessário traçarmos uma breve retrospectiva histórica da educação escolar nas terras indígenas e como este instrumento de educação vem sendo reconstruído a partir de uma perspectiva de educação escolar indígena específica, diferenciada, que respeite nossos costumes e línguas. (2006, p. 219).

A Educação Escolar Indígena se apresenta como uma educação que acontece de maneira formal no decorrer da situação de contato dos povos indígenas com a sociedade não indígena. Essa educação procura se apropriar e ressignificar seu espaço no contexto social em que se vive, pois, cada povo indígena tem suas formas próprias e tradicionais de educação caracterizadas pela transmissão oral do saber socialmente valorizado. Onde a educação escolar indígena por meio da sua temática bastante discutida a nível nacional, precisa ser mais praticada e valorizada, por meio da sua diversidade cultural. Isso porque, por mais que tenham uma educação voltada à sua realidade, é preciso que ela seja reconhecida e respeitada, principalmente em relação a essa diferença, quando se fala em educação escolar indígena específica e diferenciada.

Ao discutir essa educação específica e diferenciada na escola, queremos dizer que essa educação na escola ela precisa ser praticada pedagogicamente através do ensino da língua indígena, artes indígenas, os costumes tradicionais da sua convivência, o seu modo de pensar, agir, fazer, experimentar para que possam demonstrar a sua cultura com outras culturas, para que possam a construir uma forma de interagir, socialmente com todos, procurar uma forma de uma pedagogia voltado ao povo indígena. Além disso, é

fundamental a garantia da educação escolar de qualidade nas comunidades. Para que possam produzir seu próprio material didático específico em línguas indígenas, bilíngues ou em português de acordo com o planejamento voltado a sua especificidade na sua realidade do seu povo.

É possível se pensar, que na educação escolar indígena assegura que os povos indígenas têm o direito de ter o ensino de línguas na escola e, pôr em pratica esse ensino, para que não percam a sua fala de origem. Nesse sentido, esse ensino tem que ser valorizado e praticado dentro e fora da sala de aula. Com isso, a pedagogia indígena se configurando na prática cotidiana. Desse modo, a comunidade e escola devem estar entrelaçadas para que ambas possam caminhar juntas, respeitadas as diferenças de cada indivíduo.

Quando se trata da escola e comunidade que devem estar entrelaçados, a caminhar juntos, é possível que essa pedagogia indígena voltado ao povo indígena venha se fortalecer entre a escola e comunidade, através de sua interação fazendo com que as crianças possam gostar pedagogicamente esse ensino diferenciado, principalmente o ensino da língua indígena que é ensinado com tempo limitado, mas com uma metodologia prazerosa de fazer com que as crianças gostem de aprender como (brincadeiras, jogos, afazeres domésticos, caminhadas, cumprimento de rotinas) elas acabam por constituir seus próprios papéis e identidade indígena.

2. A UTILIZAÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS NO ENSINO DIFERENCIADO EM ESCOLAS INDÍGENAS

Compreendemos que, esses jogos e brincadeiras são um meio de facilitar esse aprendizado com mais prazer, onde as crianças gostem de aprender a sua língua brincando, jogando. Isso faz parte um dos elementos da pedagogia indígena. De acordo com os conhecimentos indígenas, jogos e brincadeiras fazem partes dos elementos da educação indígena, vale ressaltar que não é só com jogos e brincadeira que se faz a pedagogia, mas sim com vários elementos culturais que podem fazer essa diferença. Por exemplo, por meio dos mitos, lendas, histórias, artes, culinária, medicina tradicional e do modo de vida em geral dos povos originários (Silveira, Camargo e Matos 2023).

Silveira, Camargo e Matos (2023), no texto “Amooko Ataitai - O Curupira: Facetas desse ser presente na tradição oral do povo Macuxi de Roraima”, discutem como as lendas, mitos e estórias, passadas

de uma geração a outra, são pedagógicas para a aprendizagem de valores da cultura, bem como a brincadeiras do Curupira, ainda presente na cultura infantil do povo Macuxi, são pedagógicas. Segundo os autores:

A comunicação oral tem sido uma das formas mais tradicionais para reproduzir as histórias e as memórias de cada coletivo social. Sabemos o quanto a oralidade é importante para o desenvolvimento cognitivo e cultural dos estudantes para a produção de um pensamento mais sistematizado e crítico.

[...] As histórias contadas são permeadas de valores, atitudes, regras sociais, trazem o sagrado, o profano, os tabus e interdições culturais. A partir delas aprendemos sobre experiências, erros, acertos e diferentes formas de estar no mundo. Também são recursos importantes para aumentar o vocabulário, a organização do pensamento nos textos, desenvolvimento da capacidade de síntese e clareza na exposição de ideias, no fomento à curiosidade, criatividade, imaginação e melhoria na comunicação. (2023, p.118-119).

Esse aspecto da oralidade e das brincadeiras, tem sido vital para a preservação das memórias e da cultura indígena, ao longo do tempo.

Também na pesquisa desenvolvida por Silveira (2023) podemos observar como os jogos e as brincadeiras, fazem parte da pedagogia indígena, tanto os que tem origem nos conhecimentos ancestrais da etnia, como aqueles que são trazidos para o contexto da comunidade e utilizados no cotidiano. Aponta o autor sobre as possibilidades postas pela cultura para garantir um ensino diferenciado para as crianças e adolescente indígena. No entanto, precisamos fazer um ensino diferenciado para esse público, porque é notório que há uma desvalorização do ensino da língua indígena, principalmente a língua Macuxi e agora a língua Wapichana principalmente do que moram entorno da capital.

Em se tratando da Educação Escolar Indígena, a escolha dos jogos e brincadeiras deve ser vista com cautela. É necessário dar a opção de a criança escolher o que ela quer jogar, para que o jogo não se torne um trabalho, deixando-a se posicionar dentro do jogo, sendo o professor apenas moderador, e também ela deve ser livre e espontânea em relação à vontade de jogar. Segundo Rocha *et al*/(2005).

Atividades corporais, com características lúdicas, por onde permeiam os mitos, os valores culturais e que, portanto, congregam em si o mundo materiais e imateriais decada etnia. Os jogos requerem um aprendizado específico de habilidades motoras, estratégicas e/ou sorte. Geralmente, são jogados cerimonialmente, em rituais, para agradar a um ser sobrenatural e/ou para obter fertilidade, chuva, alimentos, saúde, condicionamento físico, sucesso na guerra, entre outros. Visam, também, a preparação do jovem para vida adulta, a socialização, a cooperação e/ou formação de guerreiros. Os jogos ocorrem em períodos e locais determinados, as regras são dinamicamente estabelecidas, não há geralmente limite de idade para os jogadores/perdedores e nem requerem premiação, exceto prestígio; a participação em si está carregada de significados e promove experiência que são incorporadas pelo indivíduo (p. 35-36).

Existem sociedades indígenas, onde as crianças, no convívio familiar, aprendem todos os processos culturais que seus pais ensinam, as coisas do cotidiano. No entanto podemos dizer que essas brincadeiras que são repassadas de geração pra geração, possam ser ensinadas nas escolas com intuito de valorizar as diversidades culturais indígenas. Com esses jogos e brincadeiras na língua indígena em sala de aula, o aluno é capaz de aprender através das práticas o ensino da língua materna. Faz-se necessário lembrar que através da escola podemos revitalizar e valorizar a língua, os costumes e tradições. Segundo Rizzo (1996):

Os jogos podem ser trabalhados de forma individual ou coletiva, sempre com a presença do educador para estimular todo o processo, observar e avaliar o nível de desenvolvimento dos educadores e diagnosticar as dificuldades individuais para poder produzir estímulos adequados a cada um. “Não há momentos próprios para desenvolver a inteligência [...] sempre é possível progredir e aperfeiçoar-se. Os jogos devem estar presentes todos os dias na sala de aula” (1996, p. 48).

Cabe mencionarmos que, antes mesmo de entrar na escola, a criança aprende em casa vendo os irmãos brincando ou mesmo juntos com as crianças das vizinhanças e em eventos, e depois vai para escola complementar o que aprendeu em casa. Na escola vai precisar de acompanhamento do professor para ampliar os conhecimentos e conhecer as regras. O ensino e aprendizagem de crianças indígenas começa na educação indígena, que é o ensino que ocorre em casa, junto aos pais e depois vem a Educação Escolar Indígena para complementar o conhecimento da criança.

E na Educação Escolar Indígena, é outra forma de ensino, porém aprendem a escrever, a ler e conhecer o regimento interno da escola e o sistema da Secretaria de Educação. É importante salientar que o ensino que é desenvolvido na escola é bem diferente da educação indígena.

A princípio, o ensino chegou às escolas indígenas comandado pelo Estado, fez com que os alunos aprendessem a Língua Portuguesa, mas nada foi fácil nesse processo de transição de aprendizagem para as crianças e também dos conhecimentos indígenas. O estudo era na base do sofrimento, por não conhecerem a Língua Portuguesa as coisas eram difíceis (Silveira, De Camargo, Silveira, 2020).

Por esse motivo, os alunos sofriam maus tratos, levavam palmatórias, castigos e entre outros, como apresentado no livro sobre as memórias dos professores indígenas (Silveira, De Camargo, Silveira, 2020). Com o passar dos tempos as coisas foram melhorando, por conta das leis que foram aparecendo para defender os direitos dos povos indígenas, resultado das muitas lutas e reivindicações dessa população,

que historicamente tem assumindo progressivamente sua educação escolar e tentando fazer com que essa instituição seja pensada e construída considerando a identidade da cultura indígena. Assim, conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI) a escola deve ser:

[...] um dos lugares onde a relação entre os conhecimentos próprios e os conhecimentos das demais culturas deve se articular, constituindo uma possibilidade de informação e divulgação para a sociedade nacional de saberes e valores importantes até então desconhecidos desta (BRASIL, 1998, p.24).

Dessa forma, nas escolas indígenas conhecimentos científicos e tradicionais devem se articular, entretanto, é preciso que elas sejam respeitadas e que possam oferecer uma educação escolar verdadeiramente específica, intercultural, comunitária, diferenciada e bi/multilíngue. Somente assim, é possível garantir que as escolas tenham autonomia na elaboração dos seus projetos pedagógicos e garantir a plena participação de cada comunidade indígena nas decisões relativas ao funcionamento da escola (Brasil, 1998).

São vários tipos de jogos brincadeiras indígenas e não indígenas, que podem ser utilizadas como instrumentos de ensino e aprendizagem na língua indígena. Essa é uma mudança de perspectiva na forma de ensinar e de aprender, sem perder o respeito às origens do povo indígena. Com isso, não há como continuar da forma como vem ocorrendo nas escolas indígenas, visto que a inovação passa pela busca de alternativas que sejam atraentes aos olhos dos os alunos e, por consequência facilite o processo de aprendizagem.

Nesse sentido, a proposta de ensino com jogos e brincadeiras se tornariam mais efetivo com uma formação, e para isso deve-se ser ofertado pelos órgãos específicos e destinados a essa atribuição, como o departamento indígena, passando pela Secretaria de Educação, de maneira que seja compreendida como forma de desafios e ensino diferenciado nas escolas indígenas. Que seja encaminhada ao Centro Estadual de Formação dos profissionais em Educação de Roraima (CEFORR), porque é o espaço para capacitação e formação continuada do Estado, voltadas aos professores indígenas, com destaque para de línguas indígenas. Isso nos referindo as escolas estaduais, considerando que as municipais também possuem seus orgaos específicos para que a formação aos docentes indígenas ocorram.

A valorização e revitalização da língua, da cultura, dos saberes e brincadeiras do povo indígena é um dos grandes desafios dos professores, tendo em vista a grande invasão cultural ocorrida nas

comunidades indígenas ao longo do processo colonizador, sendo necessário que sejam desenvolvidas dentro das salas de aula. O currículo monocultural e monolinguístico desconsiderou a língua e a cultura dos povos indígenas e isso teve consequências desastrosas que ocasionaram a desestruturação da língua, da cultura e da forma de pensar desses povos. Conforme Pérez Gómez (1998):

O responsável definitivo da natureza, sentido e consistência do que os alunos e alunas aprendem na sua vida escolar é este vivo, fluido e complexo cruzamento de culturas que se produz na escola entre as propostas da *cultura crítica*, que se situa nas disciplinas científicas, artísticas e filosóficas; as determinações da *cultura acadêmica*, que se refletem no currículo; as influências da *cultura social*, constituídas pelos valores hegemônicos do cenário social; as pressões cotidianas da *cultura institucional*, presente nos papéis, normas, rotinas e ritos próprios da escola como instituição social específica, e as características da *cultura experiencial*, adquirida por cada aluno através da experiência dos intercâmbios espontâneos com seu entorno (p. 17).

No entanto, de acordo com Pérez Gómez (1998), a principal função do Professor Formador de Língua Indígena na escola está relacionada à assistência aos alunos no que concerne ao processo e às atividades de ensino de língua. Deste modo, o uso de jogos e brincadeiras na aquisição de novos conhecimentos serve como forma de intervenção e alternativa de incentivo para alunos aprenderem de forma significativa a Língua Indígena. O professor de língua deve auxiliar o discente em sala de aula, incentivando-o à prática da oralidade no dia a dia em atividades extra-escolares na língua indígena de origem e na escrita na sala de aula.

Dessa forma, o professor buscará a organização dos conteúdos e das metodologias que contribuem para a aprendizagem significativa dos alunos. Para Ausubel *et al.* (1990), a aprendizagem significativa pode ocorrer de duas maneiras: por recepção e por descoberta. Podem ocorrer de maneira mecânica ou significativa, uma vez que depende de como foram armazenadas na estrutura cognitiva do aluno. Segundo Ausubel *et al.*

[...] associações puramente arbitrárias, como na associação de pares, quebra-cabeça, labirinto, ou aprendizagem de séries e quando falta ao aluno o conhecimento prévio relevante necessário para tornar a tarefa potencialmente significativa, e também (independentemente do potencial significativo contido na tarefa) se o aluno adota uma estratégia apenas para internalizá-la de uma forma arbitrária, literal (por exemplo, como uma série arbitrária de palavras). (1990, p. 23).

Citamos o curso de Formação Continuada para os professores de língua indígena das escolas indígenas, no CEFORR, foi elaborado a partir do conhecimento da importância desse profissional para melhoria da qualidade do processo de ensino nas escolas indígenas com a metodologia diferenciada a qual trará avanço para aprendizagem dos alunos indígenas do estado de Roraima, por meio de sua intervenção pedagógica. Assim, diante desse contexto, espera-se que os professores de língua indígena se envolvam efetivamente e intensamente no processo de acompanhamento e mediação da organização e desenvolvimento do trabalho pedagógico e metodológico na ênfase do ensino das línguas indígenas Macuxi e Wapixana em sala de aula.

São vários elementos considerados para esse modo de ensino através das brincadeiras, no entanto podemos destacar algumas dessas brincadeiras que são indígenas e não indígenas. A corrida de jabutí, a briga de tatu, arco e flecha, corrida pedestre, corrida de tora, a onça e caçador, briga de galo com sabugo de milho entre outras, são as brincadeiras indígenas que foi encontrada durante a pesquisa documental e bibliográfica realizadas no curso do mestrado, que possibilitem serem trabalhadas o ensino da língua como complemento pedagógico nas escolas indígenas. Destacamos alguns exemplos de brincadeiras.

BRINCADEIRA DO ARCO E FLECHA

Nas comunidades indígenas sempre são realizados eventos culturais, organizados pelas próprias comunidades. É comum a participação das escolas, porque o tuxaua convida para que os professores levem algo para apresentar, juntamente com seus alunos. Uma destas atividades são jogos e brincadeiras, onde participam escolas, comunidade, visitantes e os demais que estão presentes, como por exemplo, a brincadeira do arco e flecha, que exige o raciocínio lógico e a concentração, tanto da criança quanto do adulto para que o alvo seja acertado, como peixe, caça, pássaro e outros.

Esse tipo de brincadeiras é uma forma de valorizar a sua cultura, porque uma criança ou até mesmo um adulto possa aprender flechar o seu alvo, isso é uma forma de praticar o que aprendeu com seus pais, avós ou com quem convivem ou não, principalmente os homens que caçam, pescam alimentos para sua família. No entanto, atualmente já estão esquecendo dessa forma de usar, por esse motivo que são feitas na comunidade essas brincadeiras, para que não esqueçam dessa forma de praticar o que é do seu povo indígena.

Essa brincadeira do arco e de flecha pode ser trabalhada nas escolas, porque isso faz parte da sua cultura, da sua vivência. Isso porque, ela está no seu dia a dia. É fundamental trabalhar na escola com os alunos, porque isso pode mostrar para criança a importância dessa brincadeira indígena. Desse modo, não será perdido um dos elementos de sua cultura. Primeiramente, junto com os alunos, o professor pode trabalhar toda a parte teórica e as informações históricas sobre essa prática. Ao longo da atividade, os alunos são incentivados a levar à prática, com o uso dos conhecimentos na sua língua indígena.

Levando em consideração essas atividades de jogos e brincadeiras dentro da atividade pedagógica é uma forma de incentivar o raciocínio lógico do aluno de buscar e fortalecer cada vez mais o ensino e aprendizagem do aluno na língua materna indígena. Na leitura, na escrita e principalmente na oralidade que foco principal professor almeja alcançar seu objetivo do decorrer de sua vida profissional.

BRINCADEIRA DE GALO COM SABUGO DE MILHO

Essa brincadeira com sabugo de milho pode ser dentro ou fora de casa, em qualquer espaço que achar melhor. Ela acontece geralmente com a participação de duas pessoas. Cada um deles com um sabugo de milho na mão e começam a brigar, vencendo aquele que quebrar o sabugo do outro primeiro. Tendo que juntar certa quantidade de sabugo para fazer uma disputa em dupla. Quem conseguir quebrar mais rápido o sabugo será o ganhador. Objetivo desse jogo é ter força, resistência e agilidade.

Esse tipo de brincadeira é feito com as crianças com objetivo de fazer com que haja interação, mostrando a elas a importância de brincar, se divertir aprendendo e valorizando essas brincadeiras que seus pais também brincavam no tempo de criança, para que não se perca essa brincadeira de criança, mas que o adulto também possa fazer essa disputa.

Em primeiro lugar podemos dizer que essa construção de conhecimento em sala de aula é de suma importância para as crianças no ensino de língua indígena. O professor ensina as crianças na parte teórica de como é os procedimentos dessa brincadeira. Repassando as instruções na língua portuguesa demonstrando como se brinca com sabuco de milho. Em seguida ele também dá instrução na língua indígena descrevendo todos os procedimentos da brincadeira com sabugos de milho.

Portanto esses jogos e brincadeiras se tornam uma interação no ensino e aprendizagem como complemento pedagógico. Tanto na produção de texto, fazendo a leitura e fazendo as atividades em sala de aula.

CAÇA-PALAVRA NA LÍNGUA MACUXI

Este jogo de caça e palavra é da cultura não indígena, mas podemos adaptar para desenvolver na língua indígena como forma de ensino e aprendizagem na língua macuxi. Essa interação se torna possível e prática, nesse sentido.

Este jogo de caça palavras na língua macuxi, é uma forma de fazer com que o aluno tem o interesse de falar a sua língua. Simplício (2019), aborda elementos importantes que também constam na sua dissertação, como a utilização das atividades lúdicas para auxiliar nas aulas de Língua Macuxi, a valorização e o fortalecimento da cultura indígena. Para isso ela pesquisou, criou e confeccionou jogos que tivessem relação com os conteúdos escolares, realizando uma pesquisa-ação participativa.

Podemos dizer que esses jogos pedagógicos indígenas são meios importantíssimos e necessários para a motivação da aprendizagem da Língua Macuxi na escola. Isso demonstra também, as inúmeras possibilidades que os professores de língua materna têm, ao utilizarem essas ferramentas em suas aulas. Dessa forma, vemos a importância de se resgatar o papel da ludicidade na escola.

O uso dessas atividades lúdicas em sala de aula proporciona um ensino mais dinâmico e atrativo aos alunos, além de serem fortes ferramentas motivacionais no processo de aprendizagem. Podemos constatar também por meio desta pesquisa, o quão rico é o universo lúdico,

Essas e uma das brincadeiras que são apreciadas pelos povos indígenas Macuxi durante os eventos de comemoração da semana dos povos indígenas. Além disso, são várias outras brincadeiras que são desenvolvidas mediante a esse evento. Porém que levando em consideração a esses jogos e brincadeiras sempre chama atenção do público indígena e não indígena convidadas.

Simplicio aborda que o estudo de língua macuxi precisa de estímulo para melhorar aprendizagem do aluno, como:

Os jogos contribuem para o processo de ensino aprendizagem ao alinharem atividades lúdicas ao ensino e aprendizagem da Língua Macuxi, auxiliando “na cognição, pode aprimorar suas habilidades: desenvolve e estimula sua linguagem, favorecendo o desenvolvimento afetivo, cognitivo, motor, social

e moral”. aborda elementos importantes que também constam nessa dissertação, como a utilização das atividades lúdicas para auxiliar nas aulas de Língua Macuxi, a valorização e o fortalecimento da cultura indígena. Para isso ela pesquisou, criou e confeccionou jogos que tivessem relação com os conteúdos escolares, realizando uma pesquisa-ação participativa. (Simplicio, 2018, p. 41)

Vale salientar que essas brincadeiras serão desenvolvidas primeiramente na parte teórica dentro sala de aula, e conseqüentemente serão trabalhadas na prática. Os procedimentos da realização desse ensino, serão de acordo o planejamento montado na escola juntos com outros professores de línguas indígenas, coordenadores pedagógicos comunidades em geral, de acordo com regimento e projeto pedagógico da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta desse artigo apresentar o processo da sobre pedagogia Indígena em jogos e brincadeira para um ensino diferenciado nas escolas indígenas, para isso abordamos os elementos que constituem uma pedagogia indígena e explanamos como como podemos compreender as possibilidades de utilização de jogos e brincadeiras como parte do ensino diferenciado em escolas indígenas, trazendo os possíveis elementos que constituem uma pedagogia indígena.

Consideramos a pedagogia indígena e os jogos e brincadeiras importante pois possibilita, como foi descrito, a importância de trazer para dentro do processo de ensino e aprendizagem essa forma de trabalhar, que é através de jogos e brincadeiras, e dependendo da forma do fazer esses elementos fazendo parte da pedagogia indígena tentando demonstrar esse ensino diferenciado.

Levantamos os questionamentos que nos deixa reflexivos: Como são os jogos e brincadeiras na realidade educacional indígena? Como os jogos são e podem ser utilizados como instrumentos de ensino e aprendizagem? Quais os elementos culturais podem ser trabalhados como o uso dos jogos e brincadeiras de modo que seja considerados um ensino diferenciado?

Esses elementos que estão no dia a dia da criança e do adulto e que são possíveis de serem colocados em prática nas escolas indígenas, constituindo um conjunto de conhecimentos que fazem parte da pedagogia indígena. Tudo isso, principalmente, quando queremos tratar da nossa língua indígena, como podemos valorizar a língua de nosso povo.

Esse artigo foi um resultado de duas dissertações de mestrado onde foi pesquisado “os elementos e reflexões para pensar a formação de professores indígenas de Língua Materna” e “Jogos e brincadeiras na língua indígena Macuxi e Wapichana”. As pesquisas podem ser vistas como reflexões para se pensar que a pedagogia indígena e jogos e brincadeiras no dia a dia nas comunidades e na escola.

Considerar o processo de ensino aprendizagem de forma inovadora é um fator que possibilita um ensino diferenciado e para isso perpassa ao fazer pedagógico. Onde outras formas de pensar para que o ensino e aprendizado das crianças seja fortalecido dentro da sua cultura, que é a sua forma de viver. Esperamos que seja possível despertar novas pesquisas, quando se trata do povo indígena, principalmente no estado de Roraima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, Maria de Fatima da Silva, Elementos e Reflexões para pensar na formação de professores de língua materna: Questões sobre interculturalidade e planejamento. Dissertação de mestrado do programa de Pós- graduação em Educação da UERR/IFRR, 2023.

AUSUBEL, David P.; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia Educacional**. Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as escolas indígenas/** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. A formação de professores indígenas: uma discussão introdutória. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). Formação de professores indígenas: repensando trajetórias. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 16 e 17.

MANDULÃO, Fausto da Silva. Educação na visão do professor indígena. In: GRUPIONI, Luís Doniseti Benzi (Org.). **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. p. 218-219.

NASCIMENTO, A. C.; AGUILERA URQUIZA, A. H; VIEIRA, C. M. N. As representações das crianças Guarani e Kaiowá acerca dos conceitos locais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COTIDIANO, 3., 2010, Niterói. Anais dos diálogos sobre diálogos. Niterói, 2010.

PEREZ GÓMEZ, Angel, (1998). **La cultura escolar en la sociedad neoliberal**, Madrid: Morata, 1998.

ROCHA Ferreira, M.B. Vinha, M., Fassheber, J.R., Tagliari, J.R. Ugarte, M.C.D. Cultura corporal indígena. In Atlas do Esporte no Brasil. Org. Lamartine Pereira da Costa, Shape Editora e Promoções Ltda. Rio de Janeiro, 1ª Edição – 2005. ISBN: 85-85253-62-2, p. 35-36.

RIZZO, Gilda. **Jogos inteligente: a construção do raciocínio na escola natural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

SILVEIRA, Aldinesio Sarmiento, Jogos e brincadeiras indígenas como motivação no ensino da língua indígena como motivação no ensino da língua indígena macuxi em Roraima. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-graduação em educação da UERR/IFRR, 2003.

_____, Aldinésio Sarmiento; CAMARGO, Leila Maria; MATOS, Maristela Bortolon de. Amooko Ataitai - O Curupira: facetas desse ser presente na tradição oral do Povo Macuxi de Roraima. In: SILVEIRA, Edson Damas da; SILVEIRA, Stela Aparecida Damas da; COSTA, Isabela Coutinho (orgs. **Professores indígenas**: memórias de vida, relatos e experiências com a educação diferenciada no Estado de Roraima). /– Boa Vista – RR: UERR Edições, 2023. V. 2. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/99>. Acesso em 02 de fev 2024

SILVEIRA, Edson Damas da; DE CAMARGO, Serguei Aily Franco; SILVEIRA, Stela Aparecida Damas da (orgs.). **Professores indígenas**: memórias de vida, relatos e experiências com a educação diferenciada no Estado de Roraima. /– Boa Vista – RR: UERR Edições, 2020. V. I. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/23>. Acesso em 02 de fev. de 2024.

_____, Edson Damas da; SILVEIRA, Stela Aparecida Damas da; COSTA, Isabela Coutinho (orgs. **Professores indígenas**: memórias de vida, relatos e experiências com a educação diferenciada no Estado de Roraima. /– Boa Vista – RR: UERR Edições, 2023. V. 2. Disponível em: <https://edicoes.uerr.edu.br/index.php/inicio/catalog/book/99>. Acesso em 02 de fev 2024.

SIMPLICIO, Beth José. **Ensinando a Língua Macuxi: Jogos Pedagógicos na Escola Estadual Indígena Artur Cavalcante**. Universidade Federal de Roraima. Boa vista – RR. 2019.

ZÓIA, Alceu; PERIPOLLI, Odimar J. Infância indígena e outras infâncias. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 9-24, jul./dez. 2010. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/12647/10473>> Acesso em: 11 nov. 2016.